



DO VÊNETO AO BENEVENTE: A IMIGRAÇÃO ITALIANA E A CONSTITUIÇÃO DA ARQUITETURA RELIGIOSA DO MUNICÍPIO DE ALFREDO CHAVES - ES

FROM VENETO TO BENEVENTE: ITALIAN IMMIGRATION AND THE ESTABLISHMENT OF RELIGIOUS ARCHITECTURE IN THE MUNICIPALITY OF ALFREDO CHAVES - ES

Juliana de Souza Silva Almonfrey¹
Universidade Federal do Espírito Santo
André Secchin Viguini²
Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO

O presente artigo apresenta os dados da pesquisa que estuda a constituição da arquitetura religiosa realizada por imigrantes italianos e seus descendentes da região de Alfredo Chaves-ES. O estudo procura refletir sobre as respostas dadas e as soluções arquitetônicas/estilísticas dos monumentos frente nova vida em terras brasileiras, bem como sua relação com a arquitetura do local de origem. Foram realizadas pesquisas de campo, entrevistas com moradores da região, pesquisas bibliográficas e em acervos particulares. Para as análises dos edifícios foram utilizados os estudos de Costa (1978) e Panofsky (1991). Compreende-se a arquitetura dessas comunidades como um patrimônio material vivo na paisagem interiorana do Espírito Santo, que manifesta a identidade de uma comunidade e os momentos históricos de sua formação.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitetura Religiosa. Imigração italiana. Alfredo Chaves - ES.

ABSTRACT

This article presents the data from research examining the construction of religious architecture carried out by Italian immigrants and their descendants in the Alfredo Chaves region of Espírito Santo, Brazil. The study attempt to reflect on the responses given and the architectural/stylistic solutions in the face of a new life in Brazilian lands, as well as their relationship with the architecture of the place of origin. Field research, interviews with local

¹ Professora Adjunta do Departamento de Teoria da Arte e Música da UFES e docente das disciplinas Estética e História da Arte I e II e História da Arte. Bacharel em Artes Plásticas, Mestre em Artes e Doutora em Educação pela UFES. Email: julianaalmonfrey@gmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4415269779793940>, Vitória, Brasil.

² Estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo. Bolsista (Sebrae-ES) no Programa de Iniciação Científica – UFES. Email: andre.viguini@edu.ufes.br. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3571843885089104> Vitória, Brasil.



residents, bibliographic research, and searches in private collections were conducted. For the analysis of the buildings, the studies of Costa (1978) and Panofsky (1991) were used. The architecture of these communities is understood as a living material heritage in the rural landscape of Espírito Santo, which expresses the identity of a community and the historical moments of its formation.

KEYWORDS

Religious Architecture. Italian Immigration. Alfredo Chaves – ES.

No ensejo da comemoração dos 150 anos da chegada dos italianos ao estado do Espírito Santo, o presente artigo apresenta um estudo sobre o tema da imigração italiana e sua relação com a arquitetura religiosa constituída na região de Alfredo Chaves. Era o ano de 1874 e chegava ao estado um grupo de estrangeiros advindos das regiões do norte da Itália. Um total de 388 imigrantes, que foram trazidos pelo navio *La Sofia*, por meio da expedição Tabacchi¹. Batizada com o sobrenome do seu idealizador, o italiano Pietro Tabacchi, a viagem promoveu, pela primeira vez, a vinda de italianos em massa para terras capixabas². O processo se intensificou nos anos seguintes e, dentre os estrangeiros de várias nacionalidades que vieram para o Brasil no século XIX, os italianos foram os que chegaram em maior quantidade ao Espírito Santo³.

O município de Alfredo Chaves está localizado no interior desse estado e é banhado por córregos da bacia do Benevente. A partir de 1877, ali chegaram os primeiros grupos de imigrantes advindos das expedições, que foram sendo assentados em terras próximas ao curso do rio e em regiões montanhosas. Os primeiros anos em um território desconhecido era de trabalho árduo. Junto a isso, como aponta Posenato (1997), houve uma dispersão social:

O governo brasileiro, ao assentar os imigrantes em suas próprias terras, e não agrupados em aldeias, como na Itália, planejou apenas as sedes das colônias como núcleos de convergência administrativa. No aspecto social, não reservou atenção.” (p. 305).

Nesse contexto de afastamento, a religião foi um dos elementos de coesão na vida do imigrante. Os edifícios católicos também ajudavam no processo de socialização, pois serviam como local de encontro dos colonos. Ali podiam descansar do trabalho vivido em sua rotina, proporcionando força para uma vida de constante labuta. Tal aspecto



fica notório até a atualidade, pois no entorno de muitas igrejas, há um complexo formado por um cemitério, uma escola, um centro de convivência, uma pequena cantina e em alguns casos, há uma quadra para prática de esportes e para realização de festas, como se nota na Imagem 1.



Imagem 1. Complexo da Igreja de Santo Antônio de Ibitiruí – Alfredo Chaves. Fonte: fotografia de Luciano Secchin.

Nas vilas que compõem a paisagem ao longo do curso do rio Benevente, nota-se a presença de várias igrejas construídas por colonos e seus descendentes. Muitas delas preservadas e com o uso religioso ativo, testemunham um tempo passado. Assim que se assentavam, construíam pequenos templos. Foi então, no entorno das primeiras capelas construídas com materiais da região (barro e madeira) e com estrutura rudimentar, como o pau a pique, que as comunidades foram formadas.

Com uma área de aproximadamente 616,50 km², Alfredo Chaves possui 49 igrejas construídas ao longo de sua zona rural⁴. O quantitativo de igrejas no município, muitas delas a poucos quilômetros umas das outras e de variada devoção, aponta para o esforço dos italianos para expressarem sua fé. A relação entre o italiano e a arquitetura religiosa é, portanto, um aspecto a ser considerado. Até os dias atuais, próxima aos córregos do rio, em meio as colinas e as planícies, encontra-se uma arquitetura que aponta para a tradição de um tempo antigo e de um local longínquo: a terra natal.



Nota-se que os antigos priorizaram a construção de templos mesmo em condições precárias e a comunidade se unia em torno desse intento, como apontou o cônsul Rizzardo Rizetto, que em visita ao estado no ano de 1905, relatou:

Em Curubicá , não existe capela; os colonos estão agora construindo, prestando cada qual gratuitamente, para isso, alguns dias de trabalho. Como a terra presta-se para fazer tijolos, já prepararam 70.000 para a nova igreja. (1905, p. 138, apud Posenato, 1997, P. 308).

Rizzetto admirou-se quando constatou, que no município de Alfredo Chaves, a proporção era de uma capela para cada 122 habitantes, ou seja, de 10 a 15 famílias (1905, p. 11, apud Posenato, 1997, p.307).

No ano de 2020, foi iniciada a pesquisa “Tradição, adaptação e/ou assimilação: um estudo sobre a arquitetura religiosa dos imigrantes italianos em Alfredo Chaves – ES”. A pesquisa, que ainda está em andamento, se debruça sobre o tema da imigração italiana e as construções católicas, tendo como objetivo estudar a constituição da arquitetura religiosa dos moradores da região, ou seja, procura apresentar e refletir sobre as respostas dadas e as soluções arquitetônicas/estilísticas realizadas pelos italianos e seus descendentes na arquitetura religiosa do município. Intenta responder as seguintes questões: as igrejas construídas são resultado de um processo de assimilação das referências da arquitetura religiosa já existente no Brasil? São resultado de uma elaboração local a partir de adaptações? Refletem um processo de manutenção da tradição das referências da região de origem dos colonos?

O estudo está sendo desenvolvido por meio de subprojetos do Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal do Espírito Santo⁵. Inicialmente, foi realizado um inventário das igrejas, em que se produziu dados sobre as edificações (históricos/cronológicos) e sua identificação estilística. Estudos de caso também estão em andamento, nos quais está sendo possível fazer o levantamento arquitetônico de algumas edificações. O presente artigo pretende, portanto, trazer alguns dados da pesquisa que está em desenvolvimento.

Para a produção de dados, foram realizadas pesquisas bibliográficas em acervos públicos e privados em busca de informações sobre a imigração italiana em Alfredo Chaves e sobre as reformas e as modificações realizadas nos edifícios estudados,



além da busca por registros fotográficos. Quanto as igrejas localizadas na região de origem dos colonos (Vêneto e Trento), o acesso às informações e às imagens dos edifícios se deu por meio de páginas disponíveis na *Internet*. Também foram realizadas idas a campo ao município de Alfredo Chaves para registro fotográfico e para demais levantamentos.

Também se levou em conta, a relevância das fontes orais para a produção de dados na pesquisa. Tal compreensão vem da premissa da História Oral, de Paul Thompson (1998). O autor aponta que essas fontes podem ser utilizadas por historiadores e apresentar resultados consideráveis quando usadas numa visão interdisciplinar, mesmo porque, segundo Thompson:

A realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da História Oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes, permite que se recree a multiplicidade original de múltiplos pontos de vista. (1998, p. 25).

Partindo dessa perspectiva, foram realizadas visitas a antigos moradores da região em busca de informações por meio de entrevistas, na tentativa de uma escuta da memória, bem como, realizou-se o cruzamento desses dados com demais documentos históricos existentes.

Para a análise estilística dos edifícios, adotou-se como pressuposto teórico-metodológico os estudos de Panofsky (1991) sobre iconografia e iconologia⁶. Vale dizer, que os estudos iconográficos em arquitetura não se restringem às análises das obras de arte que lhe são agregadas (esculturas, vitrais, quadros, etc) e seus temas, mas é possível estabelecer uma iconografia arquitetônica centrada na descrição dos elementos propriamente ditos da arquitetura (cornijas, frontões, colunas, torres, ornamentos, adornos etc), que manifestam a configuração de um estilo (s) em um edifício. A partir dessa descrição, pode-se realizar um aprofundamento em nível do alcance dos significados presentes na plasticidade dos edifícios, compreendendo os monumentos como manifestações de sintomas de um tempo específico, questões essas relacionadas aos estudos de iconologia. O estudo sobre as alterações realizadas ao longo do tempo nos monumentos estudados levaram em conta, portanto, esse ponto de vista.



Ainda nos aspectos metodológicos, a proposição do arquiteto e urbanista Lucio Costa (1978) também foi utilizada para as análises nos estudos de caso. Sobre ela, o autor explica que:

Quando se estuda qualquer obra de arquitetura, importa ter primeiro em vista, além das imposições do meio físico e social, consideradas no seu sentido mais amplo, o “programa”, isto é, quais as finalidades dela e as necessidades de natureza funcional a satisfazer; em seguida, a “técnica”, quer dizer, os materiais e o sistema de construção adotados; depois, o “partido”, ou seja, de que maneira, com a utilização desta técnica, foram traduzidas, em termos de arquitetura, as determinações daquele programa; finalmente, a “comodulação” e a “modenatura”, entendendo-se por isto as qualidades plásticas do monumento. (Costa, 1978, p. 130)

Seguindo essas premissas, os objetos também foram analisados tendo em vista seu programa, ou seja, as finalidades dos edifícios, considerando-os em circunstâncias físicas e sociais; as técnicas empregadas e o partido, e por fim, sua comodulação e modenatura, ou seja, o tratamento plástico dado a cada edifício.

No campo teórico dos estudos sobre a arquitetura realizada por imigrantes italianos no Espírito Santo estão os trabalhos de Posenato (1997) e de Muniz (1997). São estudos que auxiliaram a pesquisa no que se refere a funcionalidade, os materiais e as técnicas utilizadas nas casas e nos demais edifícios dos colonos. O trabalho de Muniz aponta que as residências tinham uma estrutura de madeira e eram afastadas do solo por pilotis. As paredes eram de taipa e telhado em *scandoli* (cobertura feita de pequenas tábuas de madeira), os materiais predominantes eram madeira, barro e pedra, sendo raro nas casas rurais uso de vidros ou ferragens industrializadas.

Segundo Posenato, observa-se desenvolvimento da arquitetura italiana em quatro áreas: a residencial, a comercial, a religiosa e a industrial. Tomando como base a expectativa de duração dessas construções e a evolução nas formas de construir do colono italiano, Posenato realizou uma classificação dessa arquitetura em construções provisórias - marcadas pela precariedade das condições e a rapidez construtiva para abrigar as famílias - e arquitetura permanente, divididas nos períodos primitivo, apogeu e tardio (1997, p. 457). Sobre as construções residenciais, estas não tinham um projeto. Sem a presença de engenheiros e de arquitetos, eram pensadas conforme a necessidade dos colonos. As construções erigidas pelos próprios



membros da família e nelas empregavam-se recursos e materiais do entorno, sendo caracterizadas como uma arquitetura vernacular.

Os líderes religiosos responsáveis pela edificação das igrejas eram os *fabbricieri* (fábriqueiros), ou seja, leigos que dirigiam as construções e realizavam sua manutenção, como relata Carnielle:

Os fábriqueiros eram uma instituição vigente no Vêneto e que foi introduzida no Espírito Santo. Entre nós, alguns deles quase se autodefinem como “Padres”, a maioria era constituída de pessoas sérias, humildes, piedosas e dedicadas. (2006, p. 253).

A influência de clérigos também foi relatada. Os padres, que visitavam as comunidades, em alguns casos esporadicamente, parecem ter influenciado no processo de construção de algumas igrejas. Salvador (1978) relata a respeito de um padre do espanhol agostiniano que viveu por muitos anos em São João, distrito de Alfredo Chaves, exercendo influência na concepção de uma igreja de outra comunidade da região: “Foi este que idealizou o modelo da igreja de Santa Maria Madalena.” (Salvador, 1978).

Essa igreja, de arquitetura peculiar em relação as demais da região, está localizada na comunidade também chamada Santa Maria Madalena é popularmente conhecida como Igreja de “Duas pontes”, em referência as pontes locais construídas sobre um córrego do Benevente (Imagem 2). A comunidade foi fundada por colonos italianos em 1879, recebendo o nome da santa de devoção daqueles que ali habitavam. No ano de 1888, a igreja foi edificada, sendo uma das mais antigas de Alfredo Chaves. Possui elementos classicistas na fachada, o emprego de dois coruchéus e um campanário adjacente (Imagem 4).



Imagem 2. Igreja de Santa Maria Madalena, Matilde - Alfredo Chaves. Fonte: fotografia do autor.

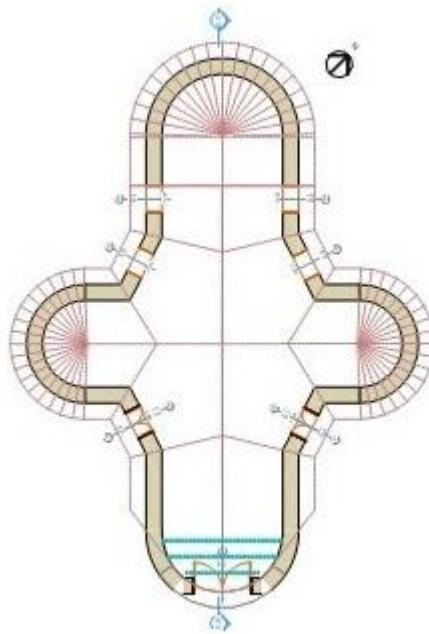


Imagem 3. Planta baixa da Igreja de Santa Maria Madalena. Fonte: produção autoral.



Imagem 4. Campanário da Igreja de Santa Maria Madalena, Matilde - Alfredo Chaves. Fonte: fotografia do autor.

Na planta baixa da igreja (Imagem 3), pode-se notar o formato de cruz com os braços em terminação circular. A presença de elementos classicistas, como frontões, colunas e cornijas e a sinuosidade das linhas evoca uma solução tipicamente barroca. No seu interior, há a presença de um coro e altares laterais, elementos também presentes em edifícios desse estilo.

Nota-se que as igrejas mais antigas, como a de Santa Maria Madalena, possuem em seu complexo a presença de uma torre sineira (campanário) não agregada a fachada principal. Observou-se que a construção do campanário nas igrejas pesquisadas não era muito elaborada. É o caso da igreja de Santo Antônio de Cachoeirinha, fundada em 1880 e com a primeira reforma realizada em 1926, cuja torre, em virtude do desgaste das peças de madeira, precisou ser substituída (Imagem 5). A atual manteve a tradição, pois está deslocada do edifício, não sendo incorporada a fachada. A torre nova de alvenaria foi inaugurada em 1980 no centenário da fundação da comunidade (Imagem 6). Ambas torres possuem estrutura simples, apenas composta por pilares, vigas e patamares intermediários até que se chegue ao último patamar, no qual estão localizados os sinos. As torres se diferem pelo fato da nova não possuir as diagonais de contraventamento, que a anterior possuía nos andares superiores, como também pelo maior número de subdivisões. Na imagem 5, no último andar da torre antiga onde ficavam os sinos, vê-se sentado o fabriqueiro Antônio Benincá.



Imagem 5. Campanário original da igreja de Santo Antônio construído em madeira. Fonte: arquivo pessoal.



Imagem 6. Campanário atual da igreja de Santo Antônio construído em concreto armado. Fonte: fotografia do autor.

A ausência de torres sineiras nas fachadas das igrejas revela uma solução arquitetônica típica da arquitetura de imigração italiana mais antiga. Ou seja, os colonos utilizando materiais e recursos da região, construíam os campanários de madeira ou alvenaria a uma certa distância da igreja, trazendo por meio da memória



um costume de sua terra natal. Aspecto típico da arquitetura católica do Vêneto, como se nota no exemplo da Imagem 7.

Como resultado do inventário realizado na pesquisa, verificou-se que nas igrejas mais antigas, construídas no final do século XIX e início do século XX, que não passaram por reformas estruturais e que não alteraram seus elementos principais, há predominância estilística classicista (neobarroca e neoclássica). Nota-se nelas a presença de frontões, cornijas, pilastras, óculo, altares laterais, cabeceiras semi-circulares e platibandas com elementos sinuosos. Uma hipótese é de que as igrejas mais antigas possuam esses elementos como resultado de uma herança visual trazida pelos italianos da região norte da Itália, já que no início da imigração os fabriqueiros e seus descendentes não receberam ajuda externa para a construção desses edifícios. Tal questão, pode ser demonstrada na semelhança do aspecto plástico e dos elementos presentes na fachada da Igreja do Cristo Redentor, localizada em Ribeirão do Cristo - Alfredo Chaves (Imagem 8) com a Igreja de São Pelagio Mártir, localizada em Treviso, na Itália, ambas com a predominância do estilo neoclássico.



Imagem 7. Igreja de São Pelagio Mártir, Treviso – Itália. Em 1885, a igreja adquire o aspecto atual em estilo neoclássico. O campanário data de 1860. Fonte: <https://www.parrocchiasanpelagio.it/luoghi-chiesa-parrocchiale/>



Imagem 8. Igreja do Cristo Redentor, Ribeirão do Cristo – Alfredo Chaves. Data da construção: 1902. Exibe elementos neoclássicos como frontão, cornija, pilastras adossadas à fachada. Fonte: fotografia do autor.

Além disso, acredita-se que o isolamento nas regiões montanhosas nesses primeiros anos e as raras visitas dos padres e de engenheiros, dificultava a entrada de referências que não fossem as da sua memória, ou seja, de sua terra natal. Vale dizer que a Itália foi o berço do renascimento e do barroco, com a presença de muitas edificações originais, além das neoclássicas, que predominaram no século XIX na região, como é o caso da Igreja de São Pelagio Mártir, cujo aspecto atual data o ano de 1885.

Como já mencionado, destaca-se na pesquisa o monumento de Santa Maria Madalena ou Igreja de “Duas pontes”, cujo formato semi-circular dos braços da planta baixa a torna única na região (Imagem 3). A construção leva o nome da santa de devoção dos colonos, a mesma que é devotada em Veneza, em uma igreja também chamada de Santa Maria Madalena, em Cannaregio, no Vêneto (Imagem 9). A relação entre esses dois edifícios, localizados em regiões distantes e também banhados pelas águas chama a atenção, tanto pela mesma santa venerada, quanto pelos seus aspectos plásticos. Refletindo os ares do neoclassicismo na Itália, a igreja veneziana foi construída em 1780, possui planta circular e foi inspirada no Panteão Romano. Era acompanhada por um campanário, que foi demolido em 1888. Já a igreja de “Duas Pontes”, realiza um arranjo com elementos classicistas, mas rompe com rigor dos motivos neoclássicos quando “atualiza” a igreja italiana. Exibe colunas e uma cornija



fraturada que contorna o pequeno frontão na portada, cria também um aspecto dinâmico com sua platibanda sinuosa, formando um conjunto plástico que evoca traços do estilo barroco.



Imagem 9. Desenho da Igreja de Santa Maria Madalena em Cannaregio, Veneza - Itália. A torre sineira foi demolida em 1888, a igreja permanece no local.

Fonte: <http://churchesofvenice.com/cannaregio2.htm#santamarmadd>

Quanto as igrejas construídas no século XX e as mais antigas que receberam reformas nesse mesmo século, notou-se que as torres sineiras aparecem agregadas a fachada principal, substituindo a solução dos antigos campanários adjacentes aos edifícios. Sobre isso, Posenato aponta:

A medida em que novas capelas, de maior porte e esmero construtivo substituíram as primitivas, o mesmo sucedeu com o campanário. Porém, ocorrendo segunda substituição, a capela então já consolidada como paróquia, com a intervenção na construção de padres e engenheiros, mudaram os modelos inspiradores, desaparecendo os campanários. Por influência destas matrizes, também as novas capelas incorporam torre sineira. (1997, p. 314)

Os monumentos construídos no século XX, em sua maioria, são de estilos medievalistas, como o românico e gótico, com o emprego de torres triangulares nas fachadas, arcos plenos e ogivais, além de elementos que acentuam a verticalidade, como os arremates pontiagudos. Uma hipótese é que essas construções passaram a seguir o que se aplicava na capital do Espírito Santo. Vale dizer que em 1918, foi iniciada a construção da Catedral Metropolitana de Vitória, finalizada na década de 1970. A catedral, em estilo neogótico, foi construída a partir da demolição da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória, de estilo colonial barroco. Observa-se que uma “onda” de estilos revivalistas, como o neogótico, neoromânico e o ecletismo, inundou os edifícios religiosos tanto na capital, como no interior. Com isso, é possível



pensar que os fabriqueiros, já com a vida mais estável, buscassem referências estilísticas e arquitetônicas no que havia de mais importante e recente, ou seja, os estilos em evidência para além do município.

A mudança das características plásticas, especialmente, nas fachadas das igrejas pode ser vista em várias igrejas de Alfredo Chaves, como por exemplo na Igreja de São Marcos, construída na década de 1980 (Imagem 10). Percebe-se na igreja traços medievalistas do estilo gótico e o apelo a verticalidade. As janelas cegas e as aberturas são afiladas e com formato triangular, há presença de pináculos nas extremidades e a torre sineira está agregada ao edifício na fachada principal.



Imagem 10. Igreja de São Marcos, São Marcos – Alfredo Chaves. Datada de 1980. Fonte: fotografia do autor.

A partir dos dados produzidos na pesquisa até o momento, aponta-se que a constituição da arquitetura religiosa de imigração italiana em Alfredo Chaves estava ligada inicialmente a tentativa de manutenção das raízes da arquitetura da região de origem dos colonos, que se manifesta na plasticidade e nos elementos presentes nos edifícios, remetendo aos aspectos das igrejas da terra natal. Um exemplo, é a presença dos campanários próximos as igrejas, costume antigo em monumentos da região do Vêneto. Notou-se também, um processo de adaptação regional, que se deu ao longo do tempo com o uso de materiais e de técnicas locais, como também um



processo de assimilação, com a atualização das igrejas mais antigas e a construção de novos edifícios nos estilos em voga no século XX no Brasil.

Nesse sentido, uma mudança de atitude em relação a certas convenções arquitetônicas, por exemplo, poderia ser sintoma de uma mudança de atitude mais ampla, em nível coletivo de adaptação e de atualização. Compreende-se, portanto, a arquitetura dessas comunidades como um patrimônio material vivo na paisagem interiorana do Espírito Santo que manifesta a identidade de um povo, exibindo os momentos históricos de sua formação, bem como as soluções técnicas e estéticas frente nova vida em terras brasileiras.

Referências

CARNIELLI, Padre Adwalter Antônio. **A história da Igreja Católica no Estado do Espírito Santo, 1535-2000**. Vila Velha: Comunicação Impressa: 2006.

COSTA, Lúcio. **A Arquitetura Jesuítica no Brasil**. Arquitetura Religiosa. São Paulo: FAU/USP-MEC/IPHAN, 1978.

FRANCESCHETTO, Cilmar; LAZZARO, Agostino (Org.). **Italianos: base de dados da imigração italiana no Espírito Santo nos séculos XIX e XX**. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014. 1040 p. (Coleção Canaã ; 20. Série Imigrantes Espírito Santo).

MUNIZ, Maria Izabel Perini. **Cultura e arquitetura: a casa rural do imigrante italiano no Espírito Santo**. Vitória: EDUFES, 1997.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

POSENATO, Júlio. **Arquitetura da imigração italiana no Espírito Santo**. Porto Alegre: Posenato Arte & cultura, 1997.

SALVADOR, Erineu Noberto. **Narrativa do histórico de fundação do povoado de São João – 1878**. 1 ed., 1986.

THOMPSON, Paul Richard. **A voz do passado: história oral**. 2. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Notas



¹ “De acordo com o sociólogo Renzo M. Grosselli, no livro “Colônias Imperiais na Terra do Café”, da Coleção Canaã do APEES, Tabacchi era um italiano oriundo de Trento que já se encontrava no Espírito Santo desde o início da década de 1850, onde adquiriu uma fazenda no município de Santa Cruz (atual Aracruz). Ao observar o interesse do Brasil pela mão de obra europeia ele decidiu oferecer terras para os imigrantes em troca do direito de derrubar 3,5 mil jacarandás para exportação. Após um longo período de negociação o Ministério da Agricultura autorizou a Província capixaba a firmar contrato com Tabacchi, que por sua vez enviou emissários ao Trentino (Tirol Italiano), à época sob o domínio austríaco, para capitanear famílias daquela região e do Vêneto. Assim, no dia 3 de janeiro, às 15 horas, partia do porto de Gênova o “La Sofia”. A chegada ao Espírito Santo ocorreu no dia 17 de fevereiro e o desembarque se prolongou até 27 do mesmo mês. Em 01 de março começou a viagem até o porto de Santa Cruz, em direção à propriedade de Tabacchi.” Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Not%C3%ADcia/o-arquivo-publico-e-a-historia-da-imigracao-italiana-no-espírito-santo>. Acesso em: 20 fev. 2024.

² Com a Expedição Tabacchi foi fundada a Colônia Nova Trento, em Santa Cruz, ao norte da capital Vitória. Após uma revolta nessa colônia, os imigrantes, que eram maioria de trentinos, exigiram transferência para os núcleos coloniais mantidos pelo governo: a Colônia Rio Novo e a Colônia Santa Leopoldina (Núcleo Timbui), respectivamente, a sudoeste e a noroeste da cidade de Vitória. Para maiores informações ver: NAGAR, Carlo. **O Estado do Espírito Santo e a imigração italiana (fevereiro de 1895)**: Relato do Cavalheiro Cario Nagar, cônsul real em Vitória/Carlo Nagar. Tradução de Nerina Bertoluzi Herzog. Vitória: Arquivo Público Estadual, 1995.

³ Segundo Franceschetto (2014), apenas no século XIX, o número de imigrantes vindos da Itália alcançou 75% do total de estrangeiros que chegavam ao solo capixaba. A maior parte era procedente do norte e composta por famílias de agricultores e de religião católica. Para mais dados ver livro FRANCESCHETTO, Cilmar; LAZZARO, Agostino (Org.). **Italianos: base de dados da imigração italiana no Espírito Santo nos séculos XIX e XX**. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014. 1040 p. (Coleção Canaã; 20. Série Imigrantes Espírito Santo).

⁴ Dados produzidos a partir da realização de pesquisas realizadas pelos autores do artigo em subprojetos de Iniciação Científica (editais 20/21, 21/22), são eles: “Inventário da arquitetura religiosa dos imigrantes italianos da zona rural de Alfredo Chaves – ES” e “Segunda etapa do inventário da arquitetura religiosa dos imigrantes italianos da zona rural de Alfredo Chaves – ES”.

⁵ Os subprojetos de Iniciação Científica fizeram parte dos editais 20/21, 21/22, 22/23 e 23/24, são eles: “Inventário da arquitetura religiosa dos imigrantes italianos da zona rural de Alfredo Chaves – ES”, “Segunda etapa do inventário da arquitetura religiosa dos imigrantes italianos da zona rural de Alfredo Chaves – ES”, “A arquitetura religiosa no município de Alfredo Chaves – ES: um estudo de caso sobre a Igreja de Santo Antônio de Ibitirui” e “A arquitetura religiosa no município de Alfredo Chaves – ES: um estudo de caso sobre a Igreja de Santa Maria Madelena”. Após o inventário realizado e as análises estilísticas dos monumentos, os dados levantados foram divulgados em uma página no *Instagram* com imagens e informações sobre os monumentos (@registrando.igrejas.al.chaves). Estudos de caso também foram iniciados com um recorte centrado nas igrejas mais antigas, ou seja, construídas no final do século XIX, com ou sem reformas no século XX. Foi realizado um detalhamento arquitetônico dos edifícios, com a produção de plantas baixas, cortes, vistas e desenhos das fachadas. Para realização desses subprojetos, contou-se com estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da Ufes, com fomento do Sebrae- ES, visto a relação do projeto com a área da arquitetura e do patrimônio material, também tendo em vista sua contribuição para a formação do estudante do curso.

⁶ Erwin Panofsky expõe esse método no livro “Significado nas Artes Visuais”, de 1955, especificamente, no texto “Iconografia e Iconologia: uma introdução ao estudo da arte na Renascença”, que se trata de uma revisão de um artigo anterior, publicado em 1939. O autor aponta três níveis em sua proposta metodológica para a apreensão de um tema de uma obra de arte. O primeiro nível trata-se de uma descrição pré-iconográfica, em que há identificação do tema primário ou natural pelas “formas puras”, iconográfica com a identificação do tema e iconológica, em que o significado intrínseco ou conteúdo é apreendido. O autor diz ainda que o significado ou conteúdo “[...] revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica – qualificados por uma personalidade e condensados numa obra” (PANOFSKY, 1991, p. 52).